



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de visita às futuras instalações do campus da Univasf em
Juazeiro-BA**

Juazeiro-BA, 21 de fevereiro de 2006

Meus amigos e minhas amigas de Juazeiro da Bahia, do estado da
Bahia e do nosso querido Nordeste,

Meu caro Paulo Souto, governador da Bahia,

Meu caro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu caro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações
Institucionais da Presidência da República,

Deputados federais Colbert Martins, Fernando Ferro, João Caldas, João
Lira, Josias Gomes, Nazareno Fonteles, Paes Landim, Simplício Mário,
Eduardo Campos, Gonzaga Patriota, Jorge Cury, Paulo Rubens Santiago,
Paulo Rangel, Edson Duarte e Luis Bassuma,

Meus queridos companheiros Tarso Genro, ex-ministro da Educação e
Humberto Costa, ex-ministro da Saúde. Quero lembrar que o Eduardo Campos
também foi meu ex-ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Professor José Weber Freire Macedo, magnífico reitor da Universidade
Federal do Vale de São Francisco,

Senhor Misael Aguilar Silva, prefeito de Juazeiro,

Senhor Fernando Coelho, prefeito de Petrolina,

Meu caro Petta, presidente da UNE,

Deputados estaduais,

Prefeitos,

Vereadores,

Professores e estudantes da Univasf,



Meus companheiros da Bahia e companheiros de Pernambuco,

Eu não estava pensando em fazer um pronunciamento aqui, porque eu achava que era extremamente importante a gente ouvir o nosso Magnífico Reitor e o nosso Ministro da Educação. Entretanto, como o governador Paulo Souto quis economizar as palavras, eu falei: deixa eu gastar um pouco as palavras para dizer algumas coisas para vocês.

Na área da educação nós tivemos algumas boas e agradáveis surpresas nesses últimos anos. Eu me lembro que no final de 2004 o Tarso Genro era ministro da Educação e o Fernando Haddad era o seu chefe de Gabinete. Eu me lembro que eu recebi um grupo de alunos de Matemática de alguns estados brasileiros que tinham participado da Olimpíada da Matemática. Até então, era um concurso que utilizava, praticamente, alunos da rede particular de ensino, poucos da rede pública. E eu fiquei tão entusiasmado com aquelas crianças que tinham ganhado medalha de ouro nas Olimpíadas, algumas internacionais; um menino de 16 anos já fazendo pós-graduação em Matemática, que eu desafiei o atual Ministro e o ex-Ministro: por que a gente não tomava a decisão de fazer uma Olimpíada da Matemática na escola pública?

Vocês sabem que quando a gente pensa na escola pública sempre aparece alguém para dizer assim: “Não, mas os alunos das escolas públicas são pobres, eles não vão se interessar, eles não vão entrar e não vai dar certo essa Olimpíada”. Pois bem, o Tarso e o Fernando assumiram o desafio. Governador, qual não foi a nossa surpresa quando se inscreveram para participar da Olimpíada, 11 milhões e meio de crianças da escola pública brasileira. E desses, participaram da Olimpíada 10 milhões e meio de crianças. Agora, no mês de março, vai ter entrega dos prêmios aos melhores colocados.

Agora, vejam que coisa fantástica, o primeiro colocado da Olimpíada é um menino de Brasília, cego, que anda numa cadeira de rodas porque não consegue se mexer, entrou na escola aos 10 anos de idade e está com 16 anos agora, e ouve muito mal, é quase surdo. Então, vejam vocês, um menino



que entrou na escola aos 10 anos de idade, cego, cadeira de rodas e quase surdo, foi o primeiro colocado das Olimpíadas.

O mais importante é que as nossas instituições que cuidam da matemática no Brasil já detectaram que desses 10 milhões e meio de crianças que participaram, nós já detectamos pelo menos 30 mil gênios no Brasil. Dessas crianças, pelo menos 30 mil têm propensão a ser gênios, se nós continuarmos a fazer aquilo que o Estado brasileiro tem que fazer e, quando eu digo Estado, é o governo federal, é o governo estadual e é o governo municipal, porque quando se trata de cuidar da educação, não tem partido político, não tem cor e não tem credo religioso. Se nós cuidarmos disso com carinho, nós poderemos levar o Brasil a dar um salto de qualidade que temos tentado há tantos e tantos anos e não conseguimos. Agora já estamos preparando uma nova Olimpíada da Matemática, mas não só matemática. Eu já pedi ao meu Ministro que cuide de fazer, além da Olimpíada da Matemática, fazer a Olimpíada de Português, porque nós precisamos que o nosso povo cuide corretamente da língua portuguesa, porque ela é cada vez mais importante no cenário internacional.

Pois bem, eu estou dizendo isto aqui em um grande galpão, que era uma fábrica e agora vai virar um outro tipo de fábrica. Antes, o Projeto era uma fábrica para produzir suco de tomate, agora é uma fábrica para produzir conhecimento, para produzir inteligência, para produzir mão-de-obra qualificada, para produzir coisas que vão elevar, e muito, o potencial desta região, porque atrás da Universidade, vêm alunos de muitos lugares do estado, vêm professores, vêm hotéis, vem comércio e logo, logo, algumas empresas começarão a perceber qual é o local da Bahia em que a gente pode levar um projeto, um projeto de indústria de ponta, um projeto que precisa de mão-de-obra qualificada, sofisticada. Aí eles vão lembrar: “em Juazeiro da Bahia tem uma universidade, em Petrolina tem universidade, então é para lá que a gente vai levar a nossa fábrica”. E aí virão os empregos, virá o desenvolvimento, e quem ganha com isso é o povo de Juazeiro, é o povo de Petrolina, é o povo da



Bahia, é o povo de Pernambuco, por que não dizer, é o povo brasileiro que ganha quando vocês estiverem com esta Universidade funcionando, porque ao invés de alguém de Juazeiro pegar um ônibus para ir para São Paulo tentar uma vaga na universidade, quem sabe alguns paulistas virão para cá tentar uma vaga na Universidade Federal.

E estamos fazendo isso porque acreditamos que o Brasil tem uma vocação, uma vocação que, durante muito tempo, não foi levada à sério, porque não é possível que um país que recebeu a bênção de Deus, que recebeu o Brasil, com o seu tamanho, com a sua riqueza de fauna e floresta, com a herança que recebemos da mistura de europeus, índios e negros que deu essa miscigenação extraordinária ao povo brasileiro, não é possível que a gente não utilize isso como vantagem comparativa para a nossa relação com outros países, para tratar de cultura, para tratar de comércio, para tratar de desenvolvimento. E este país não vai jogar fora essa oportunidade, não vai e não pode jogar fora essa oportunidade.

É por isso que estamos tomando essa decisão. É uma decisão histórica, é uma decisão que não serve para um governo, que não serve para dois governos, porque um governante que não seja medíocre não pensa no seu mandato, pensa na sua geração e na futura geração que vier depois dele. Nós, ao terminar o ano de 2006, vamos estar construindo um quinto de tudo o que foi feito de curso universitário em toda a história de cursos universitários neste país. Mas não é apenas um curso universitário. Da forma como era feita antigamente, as universidades eram feitas nas capitais, os adolescentes pobres que moravam nas cidades do interior, meninos e meninas, às vezes eram obrigados a deixar a sua família e ir para uma cidade grande: Salvador, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, para tentar a sorte, às vezes ficando longe da família.

Então, nós decidimos que não é o jovem que tem que ficar perambulando o Brasil atrás da universidade, é a universidade que tem que ir atrás do jovem brasileiro onde ele está. E ele está na sua cidade pequena, na



sua cidade média e é por isso que nós decidimos fazer essa quantidade de extensões que estamos fazendo, são 41. São quatro universidades novas, são seis faculdades que estamos transformando em universidade, e são mais 32 escolas técnicas, das quais 25 serão inauguradas até junho deste ano. E estamos fazendo porque não tem maior legado, não tem maior dívida que um pai ou uma mãe pode deixar para o seu filho do que a sua formação. Não tem legado. Ofereça dinheiro para um filho e ofereça um curso, a mãe vai preferir que o filho faça o curso do que ter dinheiro fácil, que ele pode gastar numa semana e depois continuar pobre. Com um aprendizado profissional, com um curso universitário, ele adquirirá conhecimento para o resto da vida e nunca mais será um “zé-ninguém”, nunca mais será um anônimo no mundo do conhecimento ou no mundo do desenvolvimento.

E é por isso que nós achamos que a educação é fundamental para este país. É por isso que nós estamos apelando para que o Senado da República aprove o Fundeb. Com o Fundeb, nós vamos cuidar das crianças desde quando nascem até o ensino médio. Agora, acabamos de aprovar de oito para nove anos o ensino fundamental, porque até agora os filhos da classe média, como os meus filhos, como os filhos do Ministro da Educação, poderiam fazer uma pré-escola e chegar ao ensino fundamental mais preparados. O filho da dona de casa mais pobre não podia, ele entrava com sete anos, junto com o menino que tinha feito pré-escola, e entrava defasado. Aí queriam dizer que ele era mais burro. Ele não era mais burro, ele não tinha tido era a mesma oportunidade que os outros tiveram. E agora as nossas crianças vão entrar na escola em igualdade de condições, todos vão entrar com seis anos de idade e todos vão estudar nove anos, para dizer a quem quiser nos ouvir, para dizer ao povo brasileiro, para dizer ao povo estrangeiro que este país fez uma opção. Não é uma opção pela sobrevivência, como historicamente nós fazíamos, não é opção pela subserviência, como historicamente nós fizemos. Este país aprendeu a andar de cabeça erguida, este país aprendeu a se respeitar e este país aprendeu que somente o conhecimento poderá nos dar muito mais



autoridade para crescermos muito mais, para nos desenvolvermos muito mais, para gerar muito mais empregos e para ganhar mais do que nós ganhamos hoje.

É por isso que eu estou aqui, alegre, com o coração transbordando de alegria, porque estou na minha querida Bahia. Todo mundo sabe que eu sou pernambucano de nascimento, sou de São Paulo porque foi em São Paulo que eu aprendi tudo na minha vida, mas sou nordestino porque o sangue que corre na minha veia é sangue de matuto do Nordeste brasileiro. E há muito tempo, lá na Praça Castro Alves, um dia eu disse: possivelmente na outra encarnação eu fui baiano em algum momento da minha vida. E disse isso pelo carinho com que eu sou tratado na Bahia. Não adianta um político falar mal de mim, eu sinto no olho do povo, em cada cidade em que eu vou, seja em Salvador ou seja no interior, eu sinto o carinho, eu sinto que há uma extensão de cada um de nós em nós mesmos, na construção deste grande povo nordestino que muitas vezes foi esquecido.

E é por isso que nós fazemos tanto para a Bahia como estamos fazendo. A Bahia nunca teve a quantidade de contratos do Pronaf que tem no meu governo. Nunca. Nós saímos de alguns poucos contratos – é importante dizer – nós saímos, Governador, na safra 2001/2002, de apenas 87 mil contratos, com um gasto do Banco do Brasil, um financiamento, de apenas 111 milhões de reais. Na safra 2005/2006 nós pulamos de 87 mil contratos para 158 mil contratos, e nós pulamos de um financiamento de 111 milhões para um financiamento de 434 milhões de reais, aqui, no estado da Bahia. Aqui na Bahia, por conta de investimento da Caixa Econômica Federal, foram investidos 744 milhões de reais, de 2003 a 2005, construindo 78 mil casas para as pessoas que ganham até cinco salários mínimos. Aqui na Bahia, o programa Luz para Todos já chegou a 71 mil famílias, quando o governo federal coloca 174 milhões de reais na parceria com o governo do estado, que colocou 24 milhões de reais. Já são 355 mil famílias atendidas, 350 mil pessoas atendidas pelo programa Luz para Todos.



Mas não é apenas isso. Neste estado aqui, nós cuidamos dos pobres. Só o Bolsa Família atende, aqui na Bahia, 1 milhão e 70 mil famílias, e isso tem um repasse do governo federal, do Ministério do Desenvolvimento Social, de 844 milhões de reais por ano. Eu estou aqui na frente do Governador, na frente de autoridades da Bahia, de Pernambuco, na frente da imprensa e na frente do povo. Eu duvido que desde o dia em que o Brasil foi descoberto, teve algum governo que cuidou mais dos pobres da Bahia do que nós estamos cuidando neste governo. Duvido. E fazemos isso para provar que o que norteia a nossa cabeça não é a visão mesquinha ou pequena da disputa menor, o que permeia a minha cabeça e a cabeça do meu governo é a visão republicana. Nós não queremos saber de que credo religioso é o Governador, de que partido é o Governador, para que time que ele torce, Governador ou Prefeito, nós queremos saber que, independentemente de ter divergência entre presidente e governador, presidente e prefeito, o povo merece o respeito de todos os entes federativos.

É assim que nós vamos construir uma pátria verdadeiramente republicana, sem preconceitos, sem perseguições e fazendo pelo povo, dando prioridade àqueles mais necessitados. Eu sei que falta muita coisa a fazer no Brasil ainda, muita e muita coisa, mas eu também sei que na sabedoria popular o povo sabe que não é possível fazer em quatro anos aquilo que não foi feito em 500 anos pelo nosso país.

Portanto, saio da Bahia, saio de Juazeiro, para atravessar a ponte e ir para Petrolina fazer o mesmo discurso, eu nem sei se vou falar. Mas saio com a alma limpa para dizer ao governador, dizer ao prefeito, aos deputados e a vocês: não estamos fazendo nenhum favor, estamos apenas fazendo aquilo que é obrigação do Estado brasileiro fazer pelo seu povo.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.